

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DE MOÇAMBIQUE O ENSINO DE XIGUBO NA ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMBINE

Preservation of Mozambique's cultural heritage Xigubo teaching at Cambine Secondary School

GUIDIONE, Dinis Armando¹, VERÍSSIMO, Magali Freira², & LAMAS, Estela Pinto Ribeiro³

Resumo

Cientes de que a educação sustentada nas vivências das gerações anteriores é uma forma de promover laços que consolidam a união nacional e seguindo as orientações do Instituto de Investigação Sociocultural, que recomenda a pesquisa, o arquivo, a conservação e a divulgação, de forma sistemática, da cultura e o património cultural moçambicano, apresentamos um projeto da Escola de Cambine – a oferta do ensino do Xigubo, que visa consciencializar os alunos do valor da cultura e criar oportunidades para a construção de um conhecimento consolidado de acontecimentos que marcam a história de Moçambique.

Abstract

Aware of the fact that education being sustained on previous generations experiences is a way of promoting ties that consolidate the national union, following the guidelines of the the Sociocultural Research Institute, recommending systematic research, archiving, conservation and dissemination of Mozambican culture and cultural heritage, we present a project of Cambine Secondary School – Xigubo dance – aiming at making students aware of the value of culture and creating opportunities to build a consolidated knowledge of events that mark Mozambique history .

Palavras-chave: *Património.; Gerações anteriores; História do país; Multiculturalidade; Comunidade.*

Key-words: *Patrimony; Previous generations; Country history; Multiculturalism; Community.*

Data de submissão: março de 2020 | **Data de publicação:** junho de 2020.

¹ DINIS ARMANDO GUIDIONE - Universidade Metodista Unida de Moçambique (UMUM), *Campus* de Cambine, Inhambane, MOÇAMBIQUE. E-mail: dinis.armando@gmail.com

² MAGALI FREIRA VERÍSSIMO - Universidade Metodista Unida de Moçambique (UMUM), *Campus* de Cambine, Inhambane, MOÇAMBIQUE. E-mail: magaliverissimo@gmail.com

³ ESTELA PINTO RIBEIRO LAMAS - Universidade Metodista Unida de Moçambique (UMUM), *Campus* de Cambine, Inhambane, MOÇAMBIQUE. E-mail: estela.lamas@me.com

INTRODUÇÃO

O envolvimento da Escola Secundária de Cambine, neste projeto, surge na sequência da Instrução Ministerial n.º 7/2012, *Atinente à Introdução dos Cursos Modulares de Curta Duração*, promovendo a implementação de cursos, por forma a responder a uma das grandes exigências do atual currículo do Ensino Secundário, o qual aponta para a introdução de uma preparação relevante e profissionalizante. Esta preparação é entendida como um conjunto de perspetivas e medidas de políticas educativas, preconizada pelo Plano Quinquenal do Governo (2015-2019), que advoga que o Ensino Secundário Geral deve integrar componentes práticas que correspondam ao *saber fazer*, com o objetivo de proporcionar, aos jovens, o desenvolvimento de competências que lhes possam ser úteis na vida laboral, criando dessa forma condições para uma profissão, ofício ou mesmo autoemprego. A legislação exige que estes cursos tenham uma duração mínima de 3 meses e máxima de 6 meses.

É neste contexto que a Escola Secundária de Cambine (ESC), em abril de 2018, abre inscrições para os Cursos Modulares de Curta Duração, previamente selecionados pela Direção em coordenação com o Conselho Escolar, de acordo com as condições reais da comunidade onde esta instituição se encontra integrada. Entre os cursos disponibilizados, está o que oferece o ensino do Xigubo, procurando desse modo, não só promover a interação entre as diferentes culturas, presentes no contexto escolar, a que os alunos estão ligados, mas também contribuir para preservar o património cultural de Moçambique, consciencializar os alunos do valor da cultura *per se* bem como criar oportunidades para a construção de um conhecimento consolidado de acontecimentos que marcam a história do país.

O projeto contempla, também, o reconhecimento de que a educação sustentada nas vivências das gerações anteriores é uma forma de promover laços que consolidam a união nacional. Momentos de descontração, fora da sala de aula, resultantes da participação dos alunos num festival, que os faz reviver episódios da história são, sem dúvida, um incentivo a uma aprendizagem com sentido e que lhes traz o prazer de pertencerem à comunidade.

1. A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DE MOÇAMBIQUE

É entre 1978 e 1982 que, em Moçambique, se inicia um projeto que procura a organização dos documentos recolhidos durante a Campanha Nacional de Preservação e Valorização da Cultura, dando posteriormente, em 1983, origem ao Instituto de Investigação Sociocultural (ARPAC). O decreto nº 26/93 de 16 de novembro do Conselho de Ministros cria o ARPAC, com o objetivo de pesquisar, arquivar, conservar e divulgar de forma sistemática a cultura e o património cultural moçambicano.

Entendemos a história como uma ciência da pluridimensionalidade, da multiculturalidade e da diversidade de tempos e de espaços geográficos. A História tem como objeto o ser humano ou, dito de outra forma, os seres humanos em comunidade; pretende integrar o ‘todo’, a diversidade da vida e das sociedades. Bloch (1996) concebe a história como uma ciência social e humana, explicitando que esta ciência tem por objeto o ser humano, não na sua individualidade, mas na sua interação com o(s) outro(s), focando desse modo a dimensão plural, quer em termos da comunicação que os aproxima, quer nas relações que entre eles se estabelecem. Filho e Abreu (2007, p.22) reiteram estas ideias: “o património se tornou objeto de reflexão sistemática dos antropólogos nos últimos anos”. Há estudos que se têm focado em dar realce aos símbolos necessários à educação, mais propriamente à formação do cidadão: “valores, tradições e expressões culturais compartilhados são imprescindíveis para que os cidadãos se reconheçam pertencentes a uma história, território e grupo específico e constituam, portanto, as identidades das diferentes nações e etnias” (Carrara, Carvalho, & Lima, 2010, p.8).

Não podemos, portanto, deixar de sublinhar que é o passado histórico que influencia o presente, destacando o ser humano na sua diversidade; daí decorre a importância de preservar o património cultural. Indo às raízes, percebemos melhor as ações humanas, pois, na verdade, cada ser humano é recetáculo das suas raízes histórico-culturais. O mesmo ocorre com as instituições, nomeadamente com esta, sobre a qual nos debruçamos neste estudo – a ESC, integrada em diversos contextos ao longo do tempo, através das relações nela estabelecidas, com a abertura da sua ação educativa, a alunos de outras regiões geográficas, construindo-se, assim, a multiculturalidade, pelas vivências interculturais estudadas e debatidas. O que está em causa é, pois, “colocar em contato ‘aprendentes’ de diferentes regiões, idades, géneros e origens étnicas, estimulando a troca de saberes e experiências e propiciando o reconhecimento e a valorização das diferenças e semelhanças culturais existentes” (Carrara, Carvalho, & Lima, 2010, p.11). Em sequência, não podemos

deixar de afirma que, na ESC tal como em todas as escolas, a tarefa referenciada, pelos autores aqui convocados, é indispensável à promoção de saberes com sentido, para os seres humanos envolvidos, no fortalecimento da cidadania moçambicana.

Outro aspeto a ter em atenção, e que está presente na dimensão histórico-cultural do Xigubo, prende-se com a problemática nacional não só em Moçambique, mas em África no seu todo; o Xigubo reflete vivências ao longo dos séculos, vivências complexas e dolorosas que levaram a que a construção da nação e da identidade nacional fossem apenas parte de um grande panorama geral. Como refere Paredes (2014, p.138), “a África – como constructo político-intelectual unitário e homogêneo – segue sendo um postulado epistêmico resiliente”. Não podemos deixar de trazer as ideias de Eduardo Mondlane (1967, citado por Muiwane, 2009, pp.81,82), herói moçambicano, que estudou no Centro Educacional de Cambine, “o convívio entre indivíduos de tribos diferentes e a incorporação forçada de grupos étnicos conquistados durante as guerras intertribais, resultaram numa mescla e interposição de usos e costumes das várias populações de Moçambique” – razão incontestável para querermos contribuir, no âmbito educacional, para a preservação do património cultural do nosso país.

2. O VALOR DO PATRIMÓNIO CULTURAL PARA A EDUCAÇÃO

Acessar, interagir e construir novos conhecimentos a partir da diversidade cultural expressa nas produções artístico-culturais e nas relações com pessoas pertencentes a outros contextos culturais é um caminho decisivo para a integração entre cultura e educação e, principalmente, para a promoção do desenvolvimento sustentável do ser humano no planeta (Carrara, Carvalho, & Lima, 2010, p. 11).

Em função da temática em que nos envolvemos, entendemos necessário questionar a relação que se estabelece entre as áreas da Cultura e da Educação; os contactos entre estas duas áreas existem desde há muitos anos e concretizam-se de forma diversificada. Referimos, em particular, serviços educativos de valor como as visitas programadas pelas escolas a instituições patrimoniais como museus e monumentos, como projetos que retomam práticas culturais tradicionais, implicando os(as) alunos(as) em atividades que os(as) implicam em aprendizagens significativas das realidades patrimoniais. Estes serviços educativos contribuem para a valorização da diversidade e abrangência do património cultural, viabilizando trocas de experiências, de conhecimentos e mesmo de atitudes que, pela sua natureza cultural, preparam educacionalmente o ser humano para uma convivência social de reconhecimento das diferenças que existem nas comunidades.

O interesse pelo património cultural cada vez mais integra a cultura escolar, sendo que as práticas educativas consideram, como potenciais materiais didáticos, monumentos, artefactos, hábitos culturais herdados, que permitem inovar o ato educativo, tornando as aprendizagens de maior significado e desenvolvendo competências direcionadas para o meio laboral. Esta dimensão da vida escolar vem-se afirmando como uma das linhas de investigação mais procuradas, enriquecendo a história da educação e da história cultural. Na atualidade, os desafios, que se colocam aos investigadores na área da Educação, apontam para a preservação e valorização do património cultural (Mogarro, 2013). São muitos os autores que vêm pondo em evidência a importância de abrir a escola, não só à comunidade envolvente, mas também do país e ao mundo, na sua globalidade. No pensamento de Bettencourt (2011, p.15),

[a] escola sai pouco da escola para ter contacto com o mundo exterior, para promover o conhecimento e o gosto da natureza, para ensinar e preservar o ambiente e o património cultural, para formar cidadãos ativos e intervenientes e para desenvolver competências de observação essenciais na promoção da cultura científica.

Convém, pois, ter em mente, no caso em que nos centramos neste trabalho, que a preocupação com a formação de cidadãos livres de preconceitos e da mentalidade burguesa implementada durante o colonialismo é consubstanciada num projeto educacional, apresentado pelo Ministério de Educação e Cultura, em 1981, projeto esse aprovado pela Assembleia da República e promulgado em 1983, nele estando patente a construção da moçambicanidade (Gonçalves, 2007). A questão da cultura está presente no processo de ensino e aprendizagem e na *Constituição da República de Moçambique* (2004); no nosso entender, é na dança que, por ser a expressão artística, que encontramos uma via que abre fortes possibilidades de encontro entre alunos(as) e profissionais de diversas culturas, sendo que, cada um(a) carrega os seus usos e costumes desenvolvendo, desta maneira, processos de relacionamento social, a partir das aprendizagens, que vão construindo em colaboração. A intenção é que, a partir da reflexão, os(as) alunos(as) possam passar para uma etapa de problematização das suas diferenças e, de seguida, para a aceitação das diversas culturas, nelas se envolvendo. Na ESC, como em qualquer outra Escola Secundária moçambicana, o ensino das danças tradicionais constitui uma das respostas ao previsto pelos números 1 e 2 do artigo 115 da *Constituição da República de Moçambique* (2004, p.33):

1. O Estado promove o desenvolvimento da cultura e personalidade nacionais e garante a livre expressão das tradições e valores da sociedade moçambicana.
2. O Estado promove a difusão da cultura moçambicana e desenvolve ações para fazer beneficiar o povo moçambicano das conquistas culturais dos outros povos.

Nesta linha de pensamento, realçamos que a reflexão sobre a cultura moçambicana constitui uma preocupação essencial de muitos utentes da ESC e o mesmo se verifica com outras escolas em Moçambique que, no seu quotidiano, partilham as suas maneiras de (com)viver entre os diversos grupos que se entrecruzam no desenrolar das suas atividades. Reconhecemos, pois, ser necessário que os(as) docentes criem condições para debates dentro da sala de aula, para criar um ambiente, que aceite melhor as diferenças e, assim, desperte reflexões sobre as questões que, por vezes, geram preconceitos entre os(as) alunos(as), as particularidades tribais, as religiões, o racismo, a cidadania e outras situações abordadas como temas transversais.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO – A ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMBINE

A ESC faz parte das instituições que compõem o Centro Educacional de Cambine, local de encontro de diversos grupos étnicos, na maioria dos casos, por motivos estudantis e profissionais. Esta realidade arrasta consigo uma grande diversidade cultural pois cada grupo carrega os seus hábitos, crenças, tradições, língua, entre outros traços culturais que dignificam as suas origens. Para a sua comunicação, recorrem à língua portuguesa, por ser a língua adotada como oficial, logo depois da independência nacional. Assim, a língua portuguesa é vista como o elemento unificador. É notório que o Centro Educacional de Cambine é um local multilingue e multicultural, habitado por diferentes grupos etnolinguísticos, com maior predominância para os de origem Bantu.

A ESC situa-se a 12,5 km da Vila Sede de Morrumbene (Fig.1); é concretamente uma instituição de ensino secundário localizada numa zona rural. Desde as suas origens, pensa-se que terá sido a primeira a localizar-se fora das cidades e vilas.

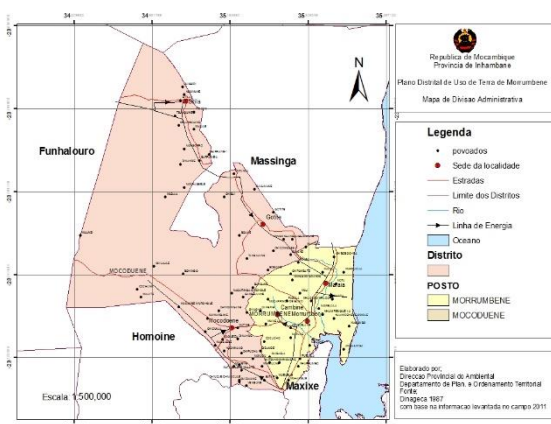


Fig. 1 - Mapa do Distrito de Morrumbene.



Fig. 2 - Vista frontal da Escola Secundária de Cambine.

No que concerne à organização do espaço geográfico, tal como podemos observar na Fig. 1, a localidade de Cambine é constituída por duas povoações e doze povoados. A povoação de Cambine envolve oito povoados: Cambine, Chiguelane, Bambeluane, Bungane, Buvane, Maimela, Macarringue e Ocucho; a povoação de Quissico-Grande tem quatro povoados Quissico-Grande, Bobiane, Pagula e Chimpambate.

De acordo com os dados de recenseamento de 2018 (Instituto Nacional de Estatística), residem nesta localidade cerca de 14.395 habitantes, dos quais 7.793 são do género feminino e os restantes 6.602 são do género masculino. Cerca de 85% desta população pratica atividades do sector primário: agricultura, pecuária e pesca, atividades tradicionais. Os restantes dedicam-se a atividades do sector secundário e/ou deslocam-se para as minas de África de Sul.

Embora esta região esteja rodeada de muitas escolas, desde o nível primário até ao universitário, apenas um número reduzido dos nativos da povoação de Cambine consegue manter-se na escola até concluir o nível médio, abandono este registado com maior destaque entre o género masculino, por optarem pela prática da agricultura, da pesca ou pelo trabalho nas minas da África de Sul.

A ESC ocupa uma parte das infraestruturas construídas pelo Engenheiro P. W. Keys, missionário de nacionalidade norte-americana. De acordo com duas fontes orais, Matimula e Nhantumbo, ouvidas nos dias 21 e 24 de Junho de 2017, o Reverendo P. W. Keys entra em Moçambique como missionário, a convite do Reverendo Dr. H. E. Richards que, a partir do ano de 1890, ao serviço da Igreja Metodista Episcopal, compra as instalações que pertencem à Igreja *American Board*, tendo em vista a expansão do evangelho e a procura de terras férteis para a agricultura. Como refere Farré (2008, p.397),

as últimas três décadas do século XIX viram chegar a África muitos missionários cristãos: católicos e protestantes, tanto europeus como americanos. Nessa altura, ao Sul de Moçambique chegaram sobretudo missionários protestantes. Eram americanos ou europeus, que vinham sempre através dos territórios daquilo que é hoje a República da África do Sul. Chegaram a Moçambique com o objectivo de crescerem e de se reproduzirem como igreja, pregando a palavra de Deus, e, uma vez ali, descobriram nas falhas da ocupação portuguesa uma boa oportunidade para a sua expansão.

Destacamos uma outra fonte oral, Wilson, ouvida no dia 26 de Junho de 2017; refere que o Reverendo P. W. Keys nasce nos Estados Unidos da América a 06 de Setembro de 1880, chega a Cambine em 1909 e falece em 18 de Setembro de 1942 na localidade de Cambine. De acordo com as duas fontes, Matimula e Nhantumbo, a história do Metodismo em Moçambique é iniciada em 1890 em Mongwe – Inhambane por um missionário chamado Erwin H. Richards, proveniente da América do Norte, formado em medicina e também na área pastoral. O Engenheiro Richards é pastor residente em Chicucue e o Engenheiro Keys é pastor e superintendente dos serviços de agricultura e construção, residindo em Cambine. Matimula testemunha que é o Engenheiro e Reverendo Keys que desenha a planta da missão de Cambine, tendo dirigido a fundação e construção do Hospital, Barragem, Capela, Marcenaria, Internato, residências entre outras infraestruturas. Por seu turno, Nhantumbo refere que é em 1909 que o Engenheiro Reverendo Keys começa com a construção do internato e residências quando o Bispo Joseph Hartizel obtém o financiamento, que procura na América, para construções em Chicucue e Cambine. Nhantumbo, em concordância com Matimula, menciona que, em memória do Engenheiro Reverendo Keys, no ano de 1953, o Engenheiro Greember missionário alemão constrói uma escola, tendo-lhe dado o nome de Escola Keys – atual ESC. Ao construir um estabelecimento de ensino, a Igreja responde a uma das suas missões pois a educação é parte integrante da Missão da Igreja Metodista. Por meio dela, a Igreja procura, há mais de um século, oferecer às pessoas e à comunidade o entendimento da vida e da sociedade.

Desde a sua fundação, esta missão empenha-se no sector da educação; daí a criação do Centro Educacional de Cambine. Como forma de acolher os alunos provenientes de locais distantes, constrói-se um internato que, atualmente, se encontra dividido em dois sectores (o masculino e o feminino). O internato alberga os alunos da ESC e os da Escola Técnica provenientes de várias regiões do país, num total de 300 alunos – 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino. Como a ESC pertence a uma instituição religiosa, ela é reconhecida nas diversas regiões, províncias do país, pela sua qualidade de ensino. Como referem Silva (2001) e Helgesson (2002), assumidos por Farré (2008), este reconhecimento deve-se por ser uma das mais antigas instituições que leciona um nível superior ao primário. O reconhecimento do seu trabalho é expresso por Farré (2008., p. 475):

[o] escasso número de pessoas que, na altura da independência, tinham um nível de estudos superior à escola primária estudara na escola da missão metodista de Cambine, um dos poucos lugares onde a população africana de língua xitshwa podia aceder a estudos secundários.

Daí a preferência de muitos pais e/ou encarregados de educação em matricular os seus filhos nas instituições de ensino que constituem o Centro Educacional de Cambine; este facto tem criado uma maior interação sociocultural entre os estudantes que frequentam as diversas instituições, incluindo a própria ESC. Salientamos também que os profissionais, que trabalham no Centro, são igualmente provenientes de vários cantos do mundo – equipa internacional. Importa referir que a diversidade, que acabamos de evidenciar, é também enriquecida pela interação cultural e social que se estabelece com as populações nativas desta região. Face ao exposto, verificamos que estamos perante um local de múltiplas vivências, em que se entrecruzam diversas culturas, criando-se em consequência espaços multi e interculturais que se manifestam de formas diversas.

Esta interação cultural torna a localidade de Cambine, mais propriamente, a povoação de Cambine, um mosaico cultural onde se destacam as danças tradicionais: Xigubo, Tufo, Macuaela, Marrambeta, Makhara, Xipanhenhe, Xingomane, Timbila, Marionetas, entre outras. Podemos também realçar, neste mosaico intercultural, a diversificada alimentação: matapa, cacana, xiguinha, feijão nhemba, cogumelo, tchota, coco, batata-doce, entre outros produtos alimentícios criados localmente, no âmbito das aproximações culturais, que se vão criando, ao longo do tempo, no Centro Educacional.

4. O CASO EM EVIDÊNCIA – O ENSINO DO XIGUBO

O presente estudo apoia-se no método de pesquisa documental. Segundo Gil (1999, p.10), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e outros documentos escritos. A operacionalização de um estudo do caso a curto prazo, como este, prima para buscar o alcance de resultados. Para aprofundamento do tema em análise, seguimos também o método da observação direta. A observação direta permite conhecer a realidade da área de estudo. No nosso caso, no dia-a-dia da comunidade estudantil da ESC, em particular, junto dos cursantes das danças tradicionais, observamos as suas manifestações culturais, possíveis de apreender a partir da nossa participação, realizada durante os seis meses de formação. Este método é também designado por método de pesquisa do campo, ou seja, um estudo que é feito de maneira direta ou junto das próprias fontes informativas, sem o uso de dados secundários, extraídos de publicações.

Outrossim, ao termos realizado a observação da *praxis* dos(as) docentes das diversas disciplinas mediadas neste nível, através da observação das suas aulas e da análise das suas planificações, verificamos que, embora o tema sobre cultura constitua um dos assuntos a serem abordado de uma forma transversal, estes ainda não aproveitam a diversidade cultural vivenciada neste local, por forma a promover, nos/nas seus/suas alunos(as), o respeito pela cultura do outro, desenvolvendo a reciprocidade cultural, na perspectiva da preservação da cultura moçambicana. Esse é o desafio do docente responsável pela mediação do curso de curta duração – danças tradicionais – e, através do ensino de xigubo, levar os(as) alunos(as) a contribuírem em grande medida, para o respeito das diversas culturas e para a preservação do património cultural moçambicano.

Os aspetos acima referenciados motivam a escolha da temática deste artigo, tendo subjacente o objetivo de convidar o docente responsável pelo curso de danças tradicionais, em coordenação com os(as) seus(suas) colegas das diversas áreas de saber, a refletirem sobre a questão em causa e, desse modo, aproveitarem a coexistência de diversas subculturas, integrando-as no desenvolvimento curricular e no processo didático, de uma forma articulada, de modo a ligar as aprendizagens estruturantes e globais com as aprendizagens de contextos informais e não formais que os(as) diferentes alunos(as) possuem.

No seu Projecto Político Pedagógico de 2015-2019, a ESC tem inscrita a preocupação de dar destaque à diversidade cultural e de, numa perspectiva histórica, recuperar a(s) cultura(s) tradicional(is) quer numa perspectiva nacional, quer na perspectiva que caracteriza a ESC; as fotos abaixo (Fig. 3, Fig. 4 e Fig. 5) revelam a preocupação da instituição em desenvolver e preservar as atividades representativas da diversidade da cultura local.



Fig. 3, Fig. 4 e Fig. 5 – Diversidade da cultura na dança.

No âmbito do desenvolvimento das atividades, que estão em linha com a nossa preocupação de promover a preservação das diversas culturas, remetemos para a Fig. 3 que, por um lado, apresenta os integrantes do desfile da moda moçambicana num cruzamento dos macuas e matsuas e, por outro lado, os dançarinos de timbila, dança típica dos machopes e declarada património cultural pela UNESCO e o momento de exibição da dança de xigubo pelos(as) alunos(as) da Escola no II Festival Regional de Xigubo (Programa do evento). O que está subjacente a esta performance é a intenção da organização e reforçar, por um lado, a educação artística e, por outro, o conhecimento do ‘outro’ e das tradições de todos e de cada um.

No que concerne a educação artística, no ponto de vista de Eça (2010), é importante encará-la como essencial. No entanto, “terá, certamente, que passar pela sua reformulação, pelo seu questionamento como área de conhecimento, pela indagação dos seus limites, pela criação de outros paradigmas de arte e de educação artística, e do papel do professor de educação artística.” (Eça, 2010, p.136). Ainda, em consonância com a mesma autora, é importante, por um lado, ter em conta a pertinência da intercessão entre o formal, o não formal e o informal e, conseqüentemente, não considerar a educação artística como uma área extracurricular, mas integrá-la de forma efetiva no currículo escolar.

5. O XIGUBO

É um desfile guerreiro de origem Zulu em que os homens, adornados de peles e colares, dançam alinhados em fileiras paralelas. Xigubo é uma dança tradicional moçambicana que representa a resistência colonial do país sobretudo na região sul maioritariamente nas regiões de Gaza e Maputo. Esta dança tem a sua base na expressão corporal dos guerreiros que procuram mostrar a sua força física e os valores da sociedade.

A origem do nome da dança vem da imitação dos sons dos tambores de tom baixo: gu...bo! gu...bo! mais o prefixo ronga ‘xi’. A colonização europeia, no século XIX, de acordo com Mate (2018, p. 9), “abalou não só a hegemonia política dos chefes africanos, como também as práticas culturais indígenas, muito particularmente as danças tradicionais de natureza guerreira”. Como é sabido, a política colonialista não só desconsidera as culturas locais como coloca a cultura europeia numa posição ‘civilizadora’. Deste modo, e na senda do mesmo autor, destacamos que é produzida legislação no sentido de proibir as práticas culturais locais e, dessa forma, “em particular no sul de Moçambique,

identificaram aquelas práticas culturais que era preciso de forma urgente banir, ou seja, proibir a sua contínua prática, nomeadamente, Xigubo, N'qai, Ndlhama e Ngalanga” (Mate, 2018, p.13). Estas danças, para além do seu carácter simbólico e ritual, assumem também um carácter militar e guerreiro, tornando-se em demonstrações de técnicas de combate conducentes à vitória militar, assumindo, portanto, um pendor político.

Considerando o interesse histórico-cultural desta manifestação da arte da região, importa reforçar o seu conhecimento e prática, por forma a preservar as danças tradicionais que estão em via de extinção. A ESC, entre os Cursos de Curta Duração planificados, introduz o curso de danças tradicionais (150h), que contempla o ensino de Xigubo, propondo a sua implementação, com vista a desenvolver nos seus alunos as competências do *saber fazer* e, também, a preservar o património cultural que aí se entrecruza.

Aberto o período de inscrições, no ano letivo de 2018, a Direção e alguns membros do Conselho empenham-se na sensibilização da comunidade escolar para inscrever-se nesses cursos. No que diz respeito ao *Curso de danças tradicionais*, inscrevem-se 30 alunos(as), dos quais 22 mulheres e 8 homens. Ao longo do percurso, há 9 desistências e uma aluna não completa a carga horária prevista, não sendo graduada. Todavia há 15 mulheres e 5 homens que terminam a sua formação com sucesso. Assim, a cerimónia de graduação acontece como reconhecimento pelas aprendizagens e competências desenvolvidas nas duas danças: Zore e Xigubo, o que lhes permite criar autoemprego, através da promoção de bailados e espetáculos de danças tradicionais e, assim, contribuir para a preservação da cultura moçambicana. Na dinamização do curso são envolvidas 4 pessoas, a saber: um formador/professor, um auxiliar/motorista (professor da ESC), o Diretor da Escola e uma técnica acompanhante. No dia da cerimónia de graduação, estão presentes como convidados: um representante do Serviço Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia, o chefe do Ensino Geral, Paulino Sobral e o responsável pelo Ensino Técnico e Profissional, Belizario Herculano). Infelizmente, a Direção Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano de Inhambane, por motivos previamente comunicados, não se apresenta no evento; a UMUM é representada pelo diretor académico do grupo coral (o grupo coral apresentou 4 números musicais). Contamos, também com um representante da liderança do Governo do Distrito (líder comunitário e chefe da localidade), com o responsável pelo projeto de corte e costura, com os pais e/ou encarregados de educação não só dos cursantes, mas também dos outros(as) alunos(as). Alunos(as), docentes e funcionários(as) não docentes desta instituição são envolvidos nas diversas atividades,

desde a preparação da cerimónia até a sua efectivação incluindo a marcha do encerramento do ano letivo. No fim da cerimónia, regista-se um momento de confraternização com os cursantes, convidados(as) e os pais e encarregados(as) de educação.

No que tange ao II Festival, comparativamente ao I, de acordo a informação colhida no discurso de encerramento proferido pelo Diretor provincial de Cultura, Sr. Fredson Bacar, em representação do Excelentíssimo Senhor Governador da Província de Inhambane, Daniel Francisco Chapo, não temos muito a dizer, somente dar conta que, de acordo com o Diretor Provincial de Cultura, a organização é de destacar pelo seu valor, ultrapassando as expectativas; daí o agradecimento à escola, pelo representante do Governo do Provincial, incentivando as outras províncias a aproveitarem o festival não só na troca de experiência entre os(as) dançarinos(as), mas também na organização dos eventos. O objetivo é promover a candidatura de Xigubos à Obra-Prima do Património Oral e Imaterial da Humanidade (o objetivo sendo o lema do festival e constava dos dísticos), a nível das quatro províncias (Maputo Província, Cidade de Maputo, Gaza e Inhambane), sendo que cada delegação é representada por dois grupos. Para além do grupo Xigubo, são convidados outros dois grupos: Zore dança tradicional de Morrumbene e Timbila dança de Zavala, conforme o Programa do evento disponibilizado no local.



Fig. 6 – Foto tirada ao longo da atuação do Xigubo de Cambine no Festival regional de Xigubo.

O projeto da criação deste curso de curta duração muito nos orgulha, enquanto instituição, já que os(as) alunos(as) se têm envolvido(as) de tal modo que com o empenho de todos(as) conseguimos apuramento para participarmos do II Festival Regional de Xigubo (Fig. 6). Que teve lugar nas instalações da ESC, em representação a Província de Inhambane. O ponto mais alto do ensino de Xigubo foi a graduação dos cursantes que teve lugar no dia 2 de novembro no alpendre da Escola.



Fig. 7 e 8 – Fotos tiradas ao longo da acuação do Xigubo em Cambine no encerramento do ano letivo 2019.



Fig. 9 – Foto de família, com o Excelentíssimo Senhor Administrador, depois de ocuparmos o primeiro lugar no Festival Distrital de Xigubo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relativamente à temática abordada, concluímos, então, que a realidade da ESC, desde os primórdios, é caracterizada pela diversidade cultural. Não há dúvida que cada interveniente carrega consigo a sua cultura, mas cria-se a oportunidade de interação, de vivências e da coexistência de mais do que uma cultura neste local. Face ao que apresentamos em termos do envolvimento da ESC, na promoção de vivências interculturais herdadas das gerações anteriores, concluímos que a realidade vivida pelos(as) alunos(as), transporta-os aos primórdios da nacionalidade moçambicana, caracterizada pela diversidade cultural, com maior enfoque na dança. Por se tratar de um local onde se encontram, com maior frequência, os intervenientes do processo de ensino, realçamos o rico contributo para a educação, isto é, para a sua formação e preparação para a vida laboral, para a sua integração plena na comunidade, para a qual podem vir a trazer contributos de valor em termos do património cultural.

Sublinhamos a importância do envolvimento de todos(as) professores(as), bem como do responsável pelo curso de curta duração focalizado nas danças tradicionais, com destaque ao xigubo, para consciencializar os/as seus/suas alunos(as), os/as desafiarem a terem em mente que é necessário valorizar o património cultural moçambicano que foi construído ao longo do tempo. Com essa orientação, cabe-lhes assumir que os temas transversais constantes dos seus programas de ensino, contribuem para o processo de ensino e aprendizagem. Nesse caminho, os/as professores(as) estão a promover, nos seus/suas alunos/as, motivação e capacidade para refletirem sobre as suas vivências culturais, o que contribui bastante para a preservação do património cultural moçambicano e para valorizar as diversas culturas que aí coexistem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assembleia da República (2004). *Constituição da República*. Maputo.

Assembleia da República (2015). *Plano Quinquenal do Governo 2015 – 2019* in Boletim da República Resolução nº 12/15 de 14 de abril. Série I – número 29. Maputo.

Bettencourt, A. (2012). Nota de Abertura. In A. Bettencourt (Dir.), *Seminário Educação para o Desenvolvimento Sustentável* (pp.11-17). Lisboa: CNE

- Bloch, M. (1996). *Introdução à História*. Lisboa: Europa-América.
- Carrara, A. R., Carvalho, M.C. & Lima, R. (2010). Cultura e educação na sociedade contemporânea. *Cadernos CENPEC*, 5(7), 1-11.
- Carvalho, A. F. E. de (2014). *Reafirmar a Identidade Cultural Local: O Património Cultural Imaterial Local como Recurso*. (Dissertação de Mestrado). IPL, ESSE, Lisboa.
- Conselho de Ministros (1993). *Decreto n.º 26/93 de 16 de novembro*. Boletim da República, 1ª Série, n.º 45, Suplemento: Criação do Arquivo do Património Cultural. Maputo.
- Conselho de Ministros (2002). *Decreto n.º 25/2002 de 22 de outubro*. Boletim da República, 1ª Série, n.º 44. Maputo: Arquivo do Património de Investigação Sociocultural.
- Eça, T. T. de (2010). A Educação Artística e as Prioridades Educativas do Início do Século XXI. *Revista IBEROAMERICANA de Educación*, 52, 127-146.
- Escola Secundária de Cambine (2014). *Projecto Político Pedagógico 2015-2019*. Cambine: ESC.
- Farré, A. (2008). Vínculos de sangue e estruturas de papel: ritos e território na História de Quême. *Análise Social*, XLIII, 393-418.
- Filho, M. F., & Montero de Abreu, R. M. R. (2007). A Antropologia e o Património cultural no Brasil. In M. F. Lima Filho, C. Exkert, & J. F. Beltrão (Org.), *Antropologia e Patrimônio Cultural – Diálogos e Desafios Contemporâneos* (21-44). Blumenau: Nova Letra, ABA.
- Filho, M. F., Eckert, C., & Beltrão, J. F. (Org.) (2007). *Antropologia e Patrimônio Cultural – Diálogos e Desafios Contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, ABA.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa: Pesquisa Social*. (2.ª ed.). São Paulo: Alta Editora.
- Gonçalves, A. C. G. (2007). A concepção de politecnia em Moçambique: contradições de um discurso socialista (1983-1992). *Educação e Pesquisa*, 33(3), 601-619. doi:10.1590/S1517-97022007000300014
- Mate, X. (2018). O Colonialismo e o Destino das Danças Tradicionais Guerreiras em Moçambique. In J. Fenhane, & A. Munhequete (Dir.), *Embondeiro: Análises e Descrições*. Maputo: ARPAC – Instituto de Investigação Sócio-cultural.
- Ministério da Educação (2012). *Instrução Ministerial n.º 7/2012, Atinente à Introdução dos Cursos Modulares de Curta Duração*. Maputo: MINED,

Mogarro, M. J. (Coord.). (2013). *Educação e Património Cultural: Escolas, Objetos e Práticas*. Lisboa: Colibri.

Muiuane, A. P. (2009). *Datas e Documentos da História da FRELIMO*. (3ª ed. revista, melhorada e ampliada). Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.

Paredes, M. M. (2014). A construção da identidade nacional moçambicana no pós-independência: a sua complexidade e alguns problemas de pesquisa. *Revista Anos 90*, 21(40), 131-161. Porto Alegre: PUCRS.

Prats Cuevas, J. (2016). Combates por la Historia en Educación. *Enseñanza de las Ciencias Sociale*, 15, 145-153.

Rocha, G. (2009). Cultura Popular: do Folclore ao Património. *Revista de Ciências Sociais - Mediações*, 14(1), 218-236.

Simões, V. (2018). *O Impacto do Investimento Descentralizado para o Desenvolvimento Sustentável Económico Local: O Caso do Distrito de Morrumbene na Província de Inhambane entre 2006-2011*. Maputo: UP.

Fontes Orais

A. Wilson - Membro Leigo e Secretário da Conferência Anual da Igreja Metodista Unida em Moçambique – Sul do Save. Chicuque, 26 de Junho de 2017.

M. T. Nhantumbo - Docente Aposentado do Instituto de Formação de Professores de Chicuque. Chicuque, 24 de Junho de 2017.

S. S Matimula - Docente Aposentado da Escola Secundária de Cambine. Belém, 21 de Junho de 2017.